

Sepetiba, Cachambi, Tijuca, Catumbi, Ipanema, Guaratiba, Inhaúma, Jacarepaguá, Irajá, Paraty, Itaboraí, Niterói, Itaguaçu, Itatiaia. São muitos os lugares do estado do Rio de Janeiro que apontam para a história e a atualidade indígena da região. Não apenas pelos nomes, mas fundamentalmente pela cultura e história do Rio de Janeiro, podemos afirmar que grande parte do “ser carioca” é inseparável de sua herança indígena – o próprio termo “carioca” advém, segundo registros etnográficos, da aldeia tupinambá Kariók, localizada aos pés do que hoje é o Outeiro da Glória. Essa presença, contudo, não é amplamente visível, nem reconhecida. A história indígena do Rio de Janeiro ainda se mantém encoberta, assim está silenciada a presença dos povos indígenas e sua enorme contribuição à nossa vida cotidiana e à nossa capacidade de imaginar o futuro.

*Dja Guata Porã: Rio de Janeiro indígena* quer intervir com uma reflexão sobre a realidade indígena no Rio de Janeiro hoje, bem como sobre o passado que desaguou neste presente. Se a recente história política brasileira tem precipitado a emergência de uma luta indígena organizada, com pautas amplas e precisas (do respeito pela diversidade à demarcação de terras), os museus, como lugares da cultura do presente, precisam fazer eco a essa luta. Considerando a potência desde sempre demonstrada na articulação coletiva de vozes e corpos indígenas, *Dja Guata Porã: Rio de Janeiro indígena* optou pela colaboração direta com organizações e indivíduos – aldeias, associações, povos, grupos e movimentos –, evitando idealizar ou fixar no passado uma história que continua sendo produzida a cada dia. Mostrando também que não existe um índio genérico ou fixo no tempo e, sim, uma profunda riqueza de povos e de indivíduos em contextos e com cosmovisões, práticas e posições diversas. Assim, a exposição se articula em torno de quatro núcleos, nos quais povos ou presenças no Rio de Janeiro de agora se apresentam: Puri, Pataxó, Guarani e indígenas em contexto urbano. Índios de hoje, que constituem parte fundamental de nossa cultura e nossa sociedade. Cada núcleo, pensado e elaborado com membros dessas diferentes coletividades, apresenta aspectos importantes de suas vidas no Rio de Janeiro, da espiritualidade à economia.

Estações temáticas acompanham esses quatro núcleos, dedicadas a questões comuns à vida de grande parte dos indígenas no Rio de Janeiro e no Brasil: comércio, educação, arte, mulheres, natureza. Esta última se constitui fora do espaço expositivo, numa ocupação da Praça Mauá que consiste no cultivo de uma horta comunitária sob cuidados indígenas. Os assuntos das estações são, ao mesmo tempo, territórios de resistência de culturas e de direitos indígenas, a partir dos quais eles se relacionam e negociam com os não indígenas.

Na exposição, esse presente indígena situa-se no horizonte do processo histórico que nos conduziu até aqui, apresentado numa linha do tempo lançada sobre uma grande cobra na qual textos, imagens e documentos apontam para as relações, frequentemente violentas, entre os povos colonizadores e os povos indígenas. A cobra, protagonista de narrativas de origem de vários povos, adverte-nos, por meio dos mitos que traz consigo, de outras historicidades e porvires possíveis.

Em sua trajetória, a cobra traça um caminho de destino incerto, construído como um processo potencialmente infinito, atravessado por lutas, retomadas, propostas e

esperanças. *Dja Guata Porã: Rio de Janeiro indígena* é também um caminho de aprendizado coletivo, em que as trocas entre todos os envolvidos, indígenas e não indígenas, deram forma a intenções, linguagens, urgências, articulações. Um caminho que não quer apresentar a realidade indígena como questão alheia ou distante, mas chamar à colaboração e fazer, do processo de construção da exposição, um aprendizado mútuo. Vem daí o título da mostra, que em guarani nos aponta para uma construção coletiva, uma caminhada cujo caminho se faz ao caminhar, um trajeto percorrido em conjunto e orientado para o futuro.

Equipe curatorial